



CARNEIRO, Vitória Sinadhia Delfino. Ana Plácido e a escrita das mulheres. *Revista Épicas*. N. 18 – dez 25, p. 179-182.  
DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2025.v18>

## ANA PLÁCIDO E A ESCRITA DAS MULHERES

Vitória Sinadhia Delfino Carneiro<sup>1</sup>  
Universidade Federal Rural de Pernambuco/PROGEL

SILVA, Fabio Mario da. **Ana Plácido e as representações do feminino no século XIX**. 2 ed. Recife: EDUFRPE, 2023. Disponível em: <https://editora.ufrpe.br/node/280>. Acesso em: 8 jan. 2025.

Ao longo da história literária, inúmeros nomes obtiveram prestígio e destaque graças às suas produções. A grande maioria dessas produções, no entanto, advém da pena de homens, que dominam o cânone literário e são os mais conhecidos e aclamados pela crítica.

Relativamente ao século XIX, no qual o ideal feminino estava atrelado aos deveres domésticos e à submissão a figuras masculinas, notamos, efetivamente, que o labor literário apresentava muito mais obstáculos às mulheres que aos homens. Apesar disso, em contexto oitocentista, muitas escritoras produziram obras e se firmaram enquanto intelectuais de seu tempo. As barreiras, no entanto, perduram, e a crítica segue, com frequência, relegando-as ao silêncio e ao esquecimento.

Na Literatura Portuguesa oitocentista uma das escritoras de grande importância é Ana Plácido, autora do romance *Herança de Lágrimas* (1871) e do livro de contos e crônicas *Luz*

<sup>1</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (PROGEL/UFRPE).

*Coada Por Ferros* (1863). No entanto, apesar de sua relevância no campo literário, a figura de Ana Plácido segue sendo frequentemente lembrada enquanto companheira do escritor Camilo Castelo Branco, ao passo que sua produção escrita é deixada de lado. Desse modo, a autora permanece às sombras do prestígio de Camilo e é reduzida aos papéis de musa e companheira do genial escritor.

A obra publicada por Fabio Mario da Silva, docente da Universidade Federal Rural de Pernambuco, e intitulada *Ana Plácido e as representações do feminino no século XIX*, realiza um resgate da imagem de Ana Plácido enquanto escritora autônoma e atenta às relações sociais de seu tempo, conferindo destaque às personagens femininas e suas representações no contexto histórico-social do século XIX. Na referida obra, Silva também resgata narrativas esquecidas e expõe o perfil crítico da escritora, que se utiliza de suas personagens para tecer críticas ao contexto oitocentista.

O esquecimento de Ana Plácido é aspecto salientado pelo autor logo na introdução da obra, em que lista alguns nomes da crítica que, pioneiramente, já escreveram sobre sua obra, tais como Fernanda Damas Cabral, Maria Amélia Campos, Paulo Motta Oliveira, Cláudia Pazos Alonso, Conceição Flores, Adriana Mello Guimarães, dentre outros que se dedicam a explorar o perfil literário de Plácido.

Com prefácio de Cláudia Pazos Alonso, o livro possui três capítulos. No primeiro, intitulado “O estereótipo feminino oitocentista e o romantismo”, o autor discute o contexto histórico e social da época, com enfoque nas problemáticas femininas e nos percalços que as mulheres enfrentavam perante a sociedade patriarcal portuguesa. Ao longo do capítulo, Fabio Silva aborda problemáticas relacionadas à participação das mulheres no mercado de trabalho, o acesso à educação e à leitura, bem como a insistência em creditar a inferiorização da intelectualidade feminina, trazendo à baila a perspectiva da legislação e da biologia da época que consideravam a mulher um ser inferior, incapaz e intensamente sentimental.

Em um contexto em que “a mulher é considerada plenamente dependente da figura do marido, tanto psicológica e fisicamente, quanto financeira e juridicamente” (Silva, 2023, p. 19), o autor salienta que as mulheres que não se encaixavam nesse modelo feminino pautado na completa dependência desencadearam uma série de conflitos de gênero na sociedade portuguesa. Ademais, ser mulher e ser escritora eram perfis que entravam em conflito, justamente por romper as expectativas sociais e os modelos familiares e femininos da época.

Nesse sentido, a figura de Ana Plácido, enquanto escritora, desvia-se do que se era esperado pelo sistema burguês patriarcal da época, não apenas por escrever – aspecto por si só transgressor –, mas por fazer da sua literatura uma ferramenta de denúncia às injustiças sociais e às desvantagens enfrentadas pelas mulheres nessa conjuntura.

No capítulo seguinte, intitulado “Esboço da formação educacional placidiana”, Silva explora as bases de formação intelectual e cultural de Plácido, educada nos moldes burgueses. Logo no início do capítulo, o autor discute sobre a desvalorização da crítica em relação a produções literárias de mulheres, trazendo como exemplo as considerações de Jacinto do Prado Coelho, importante crítico literário, que aponta Ana como uma “escritora sem talento” (Silva, 2023, p. 42), reforçando o apagamento de seu trabalho.

Ao discorrer sobre a formação de Ana Plácido, Silva levanta importantes reflexões sobre as condições que dificultavam a presença de mulheres no campo literário, tais como o acesso à escolarização, a falta de tempo para se dedicar à escrita – muitas vezes consumido pelos afazeres domésticos e cuidados com os filhos – e o julgamento social.

Um interessante fato abordado pelo autor refere-se ao posicionamento de Camilo em relação à carreira literária da companheira. Apesar de, inicialmente, Camilo ter sido “o grande incentivador da obra da escritora” (Silva, 2023, p. 45), em determinado momento “acaba por abandonar esse incentivo à carreira do seu grande amor” (Silva, 2023, p. 47). Além do mais, Silva afirma que a própria Ana Plácido, a certa altura, acaba se entregando aos afazeres domésticos e se afastando da escrita, algo que Camilo enxergava como algo positivo. Desse modo, o autor aponta que Ana “abriu mão de sua independência intelectual e dos projetos literários para se dedicar por completo à família e aos desejos de Camilo” (Silva, 2023, p. 58).

No que tange à sua produção escrita, o autor destaca que Ana Plácido, apesar de escrever dentro dos moldes do Romantismo, possui uma postura crítica no que se refere a leituras de caráter fortemente sentimentais, pois percebia que muitas mulheres, ao se deixarem levar pelo sentimentalismo, decaíam socialmente e enfrentavam grande sofrimento. Desse modo, a escritora posiciona-se contra as dinâmicas em que o “poder masculino acaba por prevalecer” (Silva, 2023, p. 51), saindo em defesa da dignidade das mulheres.

No terceiro e último capítulo da obra, intitulado “Problemáticas femininas na obra de Ana Plácido”, Fabio Mario da Silva dedica-se à análise dos textos literários da autora. Dividindo o capítulo em quatro seções, o autor aborda temáticas centrais em sua obra, quais sejam: “Os enclausuramentos femininos”, “A cumplicidade e a rivalidade feminina”, “As mulheres e a luta contra o patriarcado” e “Infidelidades masculina e feminina: o adultério e a separação”.

Na primeira seção, Silva afirma que “o convento, as casas de acolhimento e os espaços fechados estão presentes nas narrativas de Ana Plácido como lugares femininos por excelência” (Silva, 2023, p. 73). Os mosteiros e conventos, para além de serem locais de oração e resignação, também poderiam ser “lugares de castigo e de punição, ou até de encontros sexuais” (Silva, 2023, p. 75), bem como um espaço de preservação da mulher do mundo social. Ao abordar as narrativas de Plácido, o crítico demonstra que os delimites da clausura representam para as

personagens lugares de fuga e até mesmo de sacrifício amoroso, trazendo, como consequências, quase sempre a dor e o sofrimento.

A seção a seguir dedica-se a explorar a questão da cumplicidade e da rivalidade feminina presente nas narrativas placidianas. Silva afirma que o sentimento de cumplicidade entre essas mulheres pode ocorrer através de “um processo empático pelo sofrimento alheio” (Silva, 2023, p. 88). Já a rivalidade feminina acaba sendo promovida pelo modelo social burguês e patriarcal da época, envolvendo questões de inferioridade, disputa por uma figura masculina, a intriga e a inveja.

Na seção dedicada à temática da luta contra o patriarcado presente nas narrativas, o autor realça como Ana Plácido sai em defesa das mulheres em suas histórias, denunciando as injustiças as quais eram reféns. Em um contexto marcado pelo patriarcalismo, a escritora “vai tocar em temas muito sensíveis na sua obra ficcional” (Silva, 2023, p. 109), como o assédio e a violência física e sexual contra mulheres. Ao dar luz a temáticas tão relevantes, nota-se uma escritora muito arguta e sensível ao analisar como a sociedade causa prejuízo as mulheres e como, por vezes, elas aceitam passivamente essa desvantagem.

Por fim, na última seção do capítulo, o autor aborda a temática do adultério. Sendo esse um tema que perpassou a vida da própria Ana Plácido, Silva aponta que a figura da escritora “será quase sempre vista, pelos meios mais conservadores burgueses, como uma espécie de ‘antimodelo do feminino’” (Silva, 2023, p. 113). Assim, no decorrer de sua análise, o autor destaca aspectos importantes, como, por exemplo, o questionamento da narradora referente aos privilégios dos homens no romance *Herança de Lágrimas*. Ao tratar dessas questões, percebe-se que Ana Plácido, através da ficção, aborda o adultério a partir de duas perspectivas: a masculina e a feminina, ambas encaradas e julgadas de modos distintos pela sociedade, que privilegia os homens.

O estudo de Fabio Mario da Silva, desse modo, revela sua importância ao abordar a obra de Ana Plácido, ainda carente de novas análises e releituras, de maneira exclusiva e explorando elementos relacionados ao feminino e as representações de gênero no século XIX. Ancorando-se em estudos de gênero e na crítica feminista, o autor constrói um panorama do contexto histórico, social e cultural da época com enfoque nas mulheres, além de colocar em evidência representações femininas produzidas por uma mulher atenta às dinâmicas que a rodeiam. A obra de Fabio Silva é, pois, uma importante contribuição para o estudo da literatura portuguesa e a principal referência no estudo da obra de Ana Plácido.